



Paula Daniella de Abreu. Enfermeira, Mestranda, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco/UFPE. Recife (PE), Brasil. E-mail: pauladdabreu@gmail.com

Ana Carolina Paiva Ferreira. Aluna do Curso de Enfermagem, da Universidade Federal de Pernambuco/UFPE. Recife (PE), Brasil. E-mail: pauladdabreu@gmail.com

Ednaldo Cavalcante de Araújo. Enfermeiro, Professor Doutor (Pós-doutor) do Departamento de Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem - Mestrado e Doutorado em Enfermagem, do Centro de Ciências da Saúde, da Universidade Federal de Pernambuco/PPGENF/CCS/UFPE. Recife (PE), Brasil. Pós-doutor pela Université René Descartes, Departement des Sciences Sociales, Faculté des Sciences Humaines et Sociales – Sorbonne/Paris V, France. Recife (PE), Brasil. E-mail: ednenjp@gmail.com

A DISCUSSÃO EM TORNO DA CATEGORIA TRANSEXUAL

O desejo por modificações do corpo é expresso desde as antigas civilizações, antes do surgimento do termo “transexualidade”. Os primeiros relatos históricos referem Abade de Choisy (1644-1734), nascida com genitália masculina e educada como menina, passou por grande transformação, utilizando vestidos, colares e outros adereços femininos, posteriormente, conhecida como Condessa de Barres. O termo foi criado pelo endocrinologista Harry Benjamin em 1954, numa perspectiva patológica de classificação.

A discussão em torno da categoria transexual incorpora fatores biológicos, culturais, ideológicos e sociais. A busca pela ressignificação do corpo é um processo árduo que vai de encontro ao modelo heteronormativo vigente. As transexuais vivenciam a exclusão e marginalização social e lutam por visibilidade, efetivação de direitos humanos e empoderamento social. No âmbito da saúde, as demandas referentes a epidemia e disseminação do HIV devem ser consideradas junto ao conceito de “vulnerabilidade”.

Mediante aos problemas de saúde pública, o enfermeiro junto a equipe multiprofissional deve considerar o indivíduo em meio aos aspectos biopsicossociais. Assim, é necessário adentrar a estrutura, dinâmica e

funcionalidade familiar, conhecer o contexto social e as relações interpessoais.

No Brasil, a trajetória histórica de luta e militância para a expressão da diversidade sexual e garantia dos direitos contrapõem-se ao modelo heteronormativo. A discriminação, desigualdades sociais e situações de vulnerabilidades, perpetuam a exclusão e fragilidades da rede social, atenuam a violência, fatores de risco a saúde e invisibilidade das transexuais.

A superação de paradigmas biomédicos e fragmentação do cuidado a saúde, com a valorização de componentes biológicos em detrimento do social, não produz resultados efetivos na saúde individual e coletiva. A competência profissional em saúde demanda do saber teórico e prático direcionados a atuação interdisciplinar. Assim, a equipe multiprofissional pode utilizar ferramentas para construção de estratégias com ênfase na estrutura, dinâmica e funcionalidade familiar.

Estudos com transexuais devem incorporar parâmetros filosóficos, epistemológicos e sociais, no âmbito das relações familiares, para a construção do senso crítico, a partir da valorização do saber empírico, empoderamento e autonomia das transexuais com vistas a integralidade da assistência. Assim, irá propiciar o desvelar de tabus e paradigmas de natureza social que permeiam o processo saúde-doença, a fim de formar multiplicadores em saúde e profissionais hábeis para gerir competências éticas, política, social e humanística.

REFERÊNCIAS

1. Miranda E.R. Transexualidade e Sexuação: o que pode a psicanálise. Revista Trivium: estudos interdisciplinares. [Internet]. 2015 [cited 2017 Apr 11];(1):52-60. Available from: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/trivium/v7n1/v7n1a06.pdf>
2. Borba R. Receita para se tornar um “transexual verdadeiro”: discurso, interação e (des) identificação no processo transexualizador. Rev. Trab. Ling. Aplic. [Internet]. 2016; [cited 2017 Apr 11] 55(1): 33-7. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tla/v55n1/0103-1813-tla-55-01-00033.pdf>
3. Winter S, Diamond M, Green J, Karasic D, Reed T, Whittle S, et al. Transgender people: health at the margins of society. Lancet. [Internet]. 2016; [cited 2017 Apr 11] 388(10042):390-400. Available from: [http://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(16\)00683-8/abstract](http://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(16)00683-8/abstract)
4. Carvalho M, Carrara S. Em direção a um futuro trans? Contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil. Sexualidad, Salud y Sociedad. Revista Latinoamericana de Sexualidad, Salud y Sociedad [Internet]. 2013; [cited 2017 Apr 11];(14):319-351. Available from: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludSociedad/article/view/6862/4940>
5. Nascimento LC. Genograma e ecomapa: contribuições da enfermagem brasileira. Texto Contexto Enfermagem. [Internet]. 2014 [cited 2017 Apr 11];23(1):211-20. Available from: http://www.scielo.br/pdf/tce/v23n1/pt_0104-0707-tce-23-01-00211.pdf

Correspondência

Ednaldo Cavalcante de Araújo
Universidade Federal de Pernambuco
Departamento de Enfermagem
Av. Prof. Moraes Rego, s/n, 2º piso do bloco
A, anexo ao Hospital das Clínicas/UFPE
Cidade Universitária
CEP 50670-901 – Recife (PE), Brasil